

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação e Docência

Kleiner Eller de Moura

PRODUTO EDUCACIONAL:
plano de ação

Belo Horizonte
2024

Kleiner Eller de Moura

PRODUTO EDUCACIONAL:
plano de ação

Produto educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Docência, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação de Jovens e Adultos

Orientador: Prof. Dr. Walter Ernesto Ude Marques

Belo Horizonte

2024

1 INTRODUÇÃO

O Mestrado Profissional em Educação e Docência da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) exige que seus estudantes de pós-graduação apresentem, entre outros resultados, um produto educacional que contribua para o aprimoramento das práticas sociais dos projetos educativos e dos profissionais que atuam em seus territórios, com base na pesquisa realizada durante o curso. Nesse sentido, o objetivo é desenvolver pesquisas, abordagens teórico-metodológicas e materiais didáticos que possam contribuir para a qualidade da educação no contexto estudado. Como requisito para a conclusão do curso, o PROMESTRE define que a defesa da dissertação, como proposta acadêmica, deve ser acompanhada da apresentação de um “recurso educativo”. Assim, este estudo visa formular e desenvolver o produto denominado PROTEJA – Círculos de Comunicação Não Violenta e a Escola do Rolê.

Essa proposta tem a intenção de dar continuidade às práticas restaurativas e à comunicação não violenta (CNV), por meio dos Círculos de Conversas Não Violentas, não só com os adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação no centro socioeducativo da região metropolitana de Belo Horizonte, mas também com suas famílias, técnicos, coordenação, funcionários, agentes e educadores. A sociabilidade também é uma dimensão fundamental do bem-estar e desenvolvimento humano, permitindo a construção de redes sociais, o compartilhamento de experiências e o fortalecimento de laços comunitários. Este plano de trabalho foca na promoção da sociabilidade por meio de atividades culturais e sociais, como passeios, visitas a museus, teatros, cidades históricas e celebração de datas comemorativas. A proposta visa utilizar essas experiências para enriquecer as interações sociais e promover a integração e o aprendizado cultural entre os participantes.

Os Círculos de Conversa Não Violenta são uma abordagem baseada na Comunicação Não Violenta (CNV), criada por Marshall Rosenberg, que busca promover uma comunicação empática e eficaz entre os participantes. Este plano de ação do produto pedagógico deverá organizar e fortalecer a implementação e os benefícios desses círculos, bem como a sociabilidade, como uma estratégia para transformar os conflitos em momentos pedagógicos, por meio do diálogo, de forma reflexiva, com o intuito de construir modos de comunicação mais empáticos, melhorar o entendimento mútuo e fortalecer as relações interpessoais no diverso contexto do centro socioeducativo e na escola. Esse produto, por meio de suas ações, tem como objetivo o fortalecimento da rede pessoal e social dos jovens, além de identificar a relação existente entre os aspectos de transformação a partir da escola, por intermédio de rodas

de conversa, utilizando a estrutura física existente e articulada com o corpo técnico da Unidade Socioeducativa de Internação, a segurança e com a própria Escola.

A CNV se baseia em habilidades de linguagem e comunicação que fortalecem a capacidade de continuarmos humanos, mesmo em condições adversas. Ela promove maior profundidade no escutar, fomenta o respeito e a empatia e provoca o desejo mútuo de nos entregarmos de coração a nós mesmos e aos outros, para estabelecer maior vínculo. A CNV nos ajuda a reformular a maneira pela qual nos expressamos e ouvimos os outros. Nossas palavras, em vez de serem reações repetitivas e automáticas, tornam-se respostas conscientes, firmemente baseadas na consciência do que estamos percebendo, sentindo e desejando. Esse tipo de comunicação nos ensina a observar cuidadosamente (e sermos capazes de identificar) os comportamentos e as condições que estão nos afetando. Aprendemos a identificar e a articular claramente o que de fato desejamos em determinada situação. Quando utilizamos a CNV em nossas interações – conosco, com outra pessoa ou com um grupo – nós nos colocamos em nosso estado compassivo natural. Trata-se, portanto, de uma abordagem que se aplica de maneira eficaz a todos os níveis de comunicação e a diversas situações:

- relacionamentos íntimos;
- famílias;
- escolas;
- organizações e instituições;
- sociabilidade;
- negociações diplomáticas e comerciais;
- disputas e conflitos de toda natureza.

Desafio

O desafio levantado neste plano de ação é transformar os conflitos em momentos pedagógicos, por meio do diálogo, de forma reflexiva, com o intuito de construir modos de comunicação mais empáticos entre as pessoas componentes da comunidade socioeducativa. Esses conflitos, que surgem tanto nas interações dentro da unidade quanto fora dela, desde que estejam relacionados às adolescências e à escolarização dos sujeitos da pesquisa, podem ser individuais ou coletivos. O objetivo é promover a resolução consensual dos conflitos reconhecendo que eles fazem parte da vida e podem ser oportunidades de aprendizado e crescimento.

Os círculos descendem, originalmente, dos círculos de diálogo dos povos indígenas da América do Norte, sendo, no entanto, uma prática comum entre povos indígenas e originários em várias partes do mundo até os dias de hoje. Enquanto metodologia estruturada por Kay Pranis (2008), a proposta se funde, na atualidade, aos conceitos de democracia e de inclusão da sociedade contemporânea, acolhendo a diversidade, a divergência e o conflito, vislumbrando-os na perspectiva do respeito e da dignidade de cada indivíduo, na valorização das contribuições diversas, na conexão, na expressão autêntica e na oportunidade de dar vez e voz a cada um.

No contexto da socioeducação, os círculos são espaços potenciais de diálogo e de aprendizado, na medida em que podem abordar diferentes temas (tais como bullying, racismo, transfobia, adolescências e juventudes, mundo do trabalho, trabalho em equipe, normativas do trabalho socioeducativo), bem como a construção de acordos de convivência, ainda de abordagem do conflito ou da postura nas dependências das Unidades Socioeducativas. Além disso, o círculo incentiva o protagonismo do(a) adolescente, na medida em que lhe confere voz, vez e autonomia nos processos decisórios.

O PROTEJA, fortalecendo esse mesmo espaço de convivência, a Escola do Rolê, tem também como proposta diversas conquistas, como celebrar aniversários e datas comemorativas, promover passeios, caminhadas, excursões; visitar museus, teatros, musicais, praças, dentre outros espaços e ambientes, possibilitando aos sujeitos criminalizados uma socioeducação e acesso a esses locais, algo que em outras situações eles provavelmente não teriam. O PROTEJA sugere o despertar para a cidadania, reforçando a concepção do ensino na modalidade EJA durante todo o ano de sua aplicação, despertando nos adolescentes o interesse por um aprendizado significativo que se aproxime da sua realidade social, para o desenvolvimento da sua cidadania e para a percepção de suas potencialidades e talentos.

Envolvidos: centro socioeducativo / escola

Diante do desafio citado, estarão envolvidos neste plano de ação professores, diretor, pedagoga, bibliotecária, secretária escolar, agentes socioeducativos (seguranças), equipe técnica da unidade, os adolescentes, que atuarão de forma direta, e os familiares dos adolescentes, que atuarão de forma indireta.

Resultados esperados

Os resultados esperados incluem a apropriação, pela comunidade socioeducativa, da importância de adquirir uma maior convivência, desenvolvendo uma comunicação não

violenta, bem como a prática constante da sociabilidade por meio de visitas a espaços públicos e privados, tais como os de lazer, teatro, música, esporte, gastronomia, entre outros.

Espera-se também o engajamento, a participação e o envolvimento de toda a comunidade socioeducativa, mediante um trabalho colaborativo de pertencimento à escola e o aumento do sentido de uma cultura de paz. Portanto, a principal meta deste plano de ação é possibilitar um espaço de convivência que estabeleça vínculos de pertencimento, viabilizando autonomia para subsidiar escolhas.

2 JUSTIFICATIVA

A comunicação é uma habilidade crucial para a convivência humana, e a falta dela pode gerar conflitos e mal-entendidos. A Comunicação Não Violenta oferece um método estruturado para transformar conflitos e promover a compreensão mútua. Implementar círculos de conversa baseados nessa abordagem pode ajudar a melhorar as dinâmicas de grupo, resolver disputas e criar um ambiente mais colaborativo e respeitoso. Com este plano, buscamos identificar como essa metodologia pode ser aplicada de maneira eficaz e os impactos que pode gerar em diferentes contextos.

Atividades culturais e sociais oferecem oportunidades valiosas para o desenvolvimento de habilidades interpessoais e a promoção de um sentimento de comunidade. Elas permitem a exposição a diferentes contextos culturais, a aprendizagem de novas perspectivas e o fortalecimento das relações sociais. Em um mundo cada vez mais digital, é fundamental proporcionar experiências reais que fomentem a interação face a face e o entendimento mútuo. Este plano busca evidenciar os benefícios dessas atividades para o fortalecimento das relações sociais e para a criação de uma comunidade mais coesa e engajada.

Enquanto paradigma que se embasa na interdependência e na interconexão entre as pessoas, os grupos e as instituições, a justiça restaurativa reitera seu enfoque na construção de comunidades saudáveis e pacíficas. Torna-se, portanto, essencial compreender as unidades socioeducativas e o sistema socioeducativo como comunidade. Cabe ressaltar que a construção de comunidades pretendida e apoiada pela justiça restaurativa não desconsidera os conflitos advindos da convivência comunitária. Ao contrário, adota a perspectiva do conflito enquanto fenômeno inerente à condição humana e, por isso, uma oportunidade de perceber o que eles desvelam. Nessa perspectiva, os conflitos podem assumir diferentes desfechos, que estarão condicionados ao modo como serão compreendidos, considerados e acolhidos: ora poderão

contribuir para o desenvolvimento pessoal e comunitário, ora poderão assumir proporções indesejáveis, culminando em danos ao trabalho e às relações interpessoais.

A convivência comunitária precisa estar no plano de cuidados de todos e, para potencializar os melhores encaminhamentos, há a necessidade de instrumentos de comunicação qualificada, não violenta, e de mediação de conflitos, cenário igualmente aberto às práticas restaurativas. Estas favorecem a reinauguração do diálogo respeitoso, horizontal e colaborativo, visam estabelecer a harmonia possível do ambiente comunitário sem silenciar as questões passíveis de tratativas pelos atores envolvidos, e fomentam a participação de todos enquanto interessados no desenvolvimento comum.

Desse modo, promover a participação dos(as) adolescentes – que também integram essa comunidade e nela exercem papéis – é privilegiar ações que promovem a autonomia e o protagonismo, encorajam novos aprendizados de convivência, favorecendo a construção e o fortalecimento de vínculos familiares, territoriais e sociais que potencializam o exercício de uma cidadania plena. Nesse sentido, enxergar os(as) adolescentes por meio de lentes restaurativas é fomentar espaços que favoreçam a expressão, a responsabilização, a construção identitária e o reforço do sentimento de pertencimento à comunidade, na medida em que passam a perceber suas necessidades sendo consideradas e respeitadas pelos demais.

3 INTENCIONALIDADE

Este plano de ação pretende atenuar as situações-problema oriundas da convivência no espaço socioeducativo e escolar, com o objetivo de vislumbrar mudanças na realidade existente nessa comunidade, em defesa de uma maior interação e sociabilidade.

As propostas, de caráter social, surgem de necessidades coletivas e têm como objetivo suprir carências, geralmente de ordem sociocultural e político-econômica, inerentes ao ambiente socioeducativo mencionado.

Considerando uma educação emancipatória e para a vida, a escola contribuirá para este plano de ação, facilitando aos adolescentes e à equipe uma visão mais crítica, conforme a realidade que os cerca. Ser sujeito de direito, da sua própria história, significa refletir, propor, analisar e decidir, fazendo parte até mesmo do seu processo de libertação de tudo que reforça o contrário, como parte das respostas mediante novos valores adquiridos na aprendizagem. Esse sujeito, no ambiente escolar, pode e deve construir uma rede de relacionamentos com grande potencial de sair dessa condição provisória de invisibilidade para garantir seu espaço de vez e voz.

Desenvolvimento

Conforme justificado, propomos as seguintes ações e atividades:

1. Planejamento das atividades: definição e organização de uma variedade de atividades, como passeios, visitas a museus e teatros, exploração de cidades históricas e celebração de datas comemorativas;
2. Calendário de atividades: elaboração de um calendário que distribua as atividades ao longo do ano, garantindo variedade e cobertura de diferentes tipos de experiências culturais e sociais;
3. Facilitação e coordenação: designação de facilitadores para coordenar as atividades, garantir a logística e promover a participação ativa;
4. Avaliação e feedback: coleta de feedback dos participantes após cada atividade para avaliar o impacto, a satisfação e ajustar o planejamento conforme necessário;
5. Documentação e relatório: registro das atividades e elaboração de relatórios para análise dos resultados e planejamento de futuras ações.

Tipos de círculos

Os processos restaurativos podem ser aplicados em inúmeras situações dentro de uma unidade socioeducativa:

- ✓ Celebração de algum acontecimento;
- ✓ Diálogo e aprendizagem;
- ✓ Construção de senso de comunidade;
- ✓ Fortalecimento de vínculos familiares;
- ✓ Fortalecimento das equipes de trabalho;
- ✓ Superação, tomada de decisão, inclusão social, suporte e solução de conflitos.

4 METODOLOGIA

Os círculos são vistos como um espaço de convivência comunitária e fortalecimento de vínculos. Nesse contexto, Arendt (2009, p. 62) ressalta a importância da interação humana mediada por elementos que tanto separam quanto conectam os indivíduos, conforme ela argumenta: “Conviver no mundo significa ter um mundo de coisas interposto entre os que nele habitam em comum, como uma mesa se interpõe entre os que se assentam ao seu redor; pois,

como todo intermediário, o mundo ao mesmo tempo separa e estabelece uma relação entre os homens.”

Nessa perspectiva, que estabelece a necessidade de convivência como condição humana, os círculos proporcionam metodologicamente um espaço seguro em que a necessidade humana de se relacionar pode ser exercitada em uma jornada respeitosa de descobertas e construções coletivas.

Na metodologia de processos circulares, os atores indicam pessoas de sua convivência para que façam parte das atividades desenvolvidas. Tais pessoas são convidadas a reconectar os participantes ao seu universo comunitário, para que juntos busquem atender as necessidades de todos os envolvidos.

Posto isso, o uso das práticas restaurativas é aliado à execução do eixo da escolarização, que se refere ao fortalecimento de vínculos, à sociabilidade e ao ensino e aprendizagem. Os processos circulares viabilizam uma comunicação estruturada e simples que permite a todos os participantes se expressarem de forma equânime. Metodologicamente, é possível um diálogo saudável, em que todos os membros se sintam conectados e respeitados.

Para ilustrar, um dos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação trazia, em seu contexto sociofamiliar, a separação de sua genitora, tendo sido criado por seu genitor, que, por sua vez, era usuário de múltiplas drogas, e negligenciava o cuidado do filho. Por essa situação, o adolescente iniciou sua trajetória de acolhimento institucional e, posteriormente, a trajetória de rua. Em seu discurso, nota-se angústia ao tratar das questões familiares; apesar disso, ele nutre muito afeto por sua genitora e seu irmão. Quanto a seu genitor, expressa sentimentos negativos, lembranças de negligência e abusos, mas, ainda alimenta afeto por ele.

Sem perspectiva de encaminhamento após ser desligado, foram realizadas articulações em rede e viabilizados encontros com sua genitora. Contudo, nesses encontros, percebia-se o receio da genitora em acolher o filho. Por esse motivo, foi realizado um encontro desse adolescente com sua família, em uma conversa norteada pela metodologia de processos circulares, respeitando a voluntariedade da participação em um círculo de construção de paz, em que foi oportunizado aos participantes partilhar lembranças, reconhecer erros e acertos, bem como projetar o futuro. Foi possível perceber que o círculo atingiu as expectativas e possibilitou aos membros da família expor seus anseios para juntos criarem projetos de vida.

Em vista dessa experiência e de outras similares é que o PROTEJA pretende articular ações que venham a fortalecer os vínculos familiares e sociais, promover a comunicação não violenta e incentivar o protagonismo dos adolescentes, criando um ambiente propício para o

desenvolvimento pessoal, a inclusão social comunitária e a construção de projetos de vida que possibilitem uma ruptura definitiva com a trajetória de exclusão e violência.

Para tanto, serão realizadas oficinas de comunicação não violenta e círculos de construção de paz, atendendo à demanda dos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa. Desse modo, para melhor organização do trabalho, estabelecemos, em parceria com a unidade socioeducativa, temas transversais que serão abordados por bimestre e, ao final de cada um, realizaremos uma sequência de círculos de construção de paz sobre a temática abordada, de modo que todos os adolescentes participem dos processos circulares.

Além disso, conforme previsto no regimento interno das unidades socioeducativas de Minas Gerais, em caso de instauração de comissão disciplinar, esta pode optar pela substituição da medida punitiva por uma prática restaurativa. Nesses casos, a CNV atua conforme a demanda, avaliando se há potencial restaurativo, a natureza do processo circular, se é conflitivo ou não, e a voluntariedade dos envolvidos quanto à participação. Com todos os requisitos atendidos, é realizada a ação.

Outro aspecto da atuação está entre adolescente e familiares, em uma proposta de fortalecimento de vínculos e/ou restauração destes.

Tratar de justiça restaurativa em um espaço naturalmente punitivo e originário de um sistema de justiça retributivo é um grande desafio, e o modelo, por si só, demonstra a potencialidade do trabalho restaurativo.

Os dados mostram que, no ano de 2019, foram registrados 44 eventos de segurança (motins) naquela unidade, os quais resultaram em ocorrências policiais e, conseqüentemente, novos inquéritos e novos processos judiciais. Após a implantação do Núcleo de Práticas Restaurativas e Pedagógicas, esse número caiu para três registros no período de um ano.

A metodologia a ser empregada no PROTEJA inclui o seguinte percurso:

1. Integração do corpo diretivo da unidade e escola estadual de ensino fundamental e médio;
2. Fortalecimento de vínculo entre equipes;
3. Construção de senso comunitário (assembleia);
4. Treinamento e facilitação: capacitação dos facilitadores em técnicas de CNV e gestão de grupos;
5. Pesquisa teórica: revisão de literatura sobre comunicação não violenta, círculos de conversa e suas aplicações em diferentes contextos;
6. Criação de um plano para a realização dos círculos de conversa, incluindo a definição de objetivos, participantes e cronograma;

7. Planejamento e implementação: realização dos círculos de conversa e sociabilidade conforme o planejamento, com documentação e observação das interações;
8. Avaliação: coleta e análise de feedback dos participantes para avaliar a eficácia e o impacto dos círculos de conversa;
9. Ajustes e recomendações: com base na avaliação, ajustes serão feitos para aprimorar os círculos de conversa, e recomendações serão fornecidas para futuras implementações.

5 CRONOGRAMA

Atividade	Período	Responsável
Desenvolvimento do plano de implementação	Semanal	Equipe de Planejamento
Treinamento dos facilitadores	Imediato	Instrutores de CNV
Implementação dos círculos	Quinzenal	Facilitadores
Coleta de feedback e avaliação	Mensal	Equipe de Avaliação
Sociabilidade (Rolê)	Mensal	Professores e os agentes

6 AVALIAÇÃO

Segundo nos alerta Cruz (2018, p. 23),

Em todas as etapas escolares, da educação infantil ao ensino superior, o processo avaliativo é um momento crucial para a construção do conhecimento. O processo de avaliação se faz necessário para avaliar o aprendizado do aluno. Como é um processo que ocorre periodicamente no decorrer de um curso, é de suma importância os métodos escolhidos para a verificação da aprendizagem, de maneira que esse processo não afete negativamente o quadro emocional do educando. A avaliação deve buscar utilizar a análise do aprendizado como instrumento de incentivo para que o educando vença suas dificuldades e possa prosseguir os estudos motivado no aperfeiçoamento de suas habilidades e desenvolvimento dos saberes.

Seguindo esse entendimento, a avaliação acontecerá de forma contínua e sistemática, priorizando a interpretação qualitativa do conhecimento construído e adquirido pelo(a) educando(a) durante toda a execução do plano de ensino, levando em consideração as realidades dos sujeitos. Assim, com base nessa avaliação processual, poderemos avaliar também a nossa prática pedagógica. Jussara Hoffman (2003) afirma que a avaliação escolar hoje só faz sentido se tiver o intuito de buscar caminhos para melhorar a aprendizagem.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Círculos de Conversa Não Violenta apresentam o potencial de transformar a dinâmica de comunicação em grupos e comunidades, promovendo um ambiente mais harmonioso e colaborativo. Com características baseadas em princípios como a escuta ativa, a empatia e o respeito mútuo, os círculos criam um espaço seguro onde todos os participantes podem se expressar sem julgamentos. A metodologia envolve a mediação por um facilitador, que guia o processo e assegura que todos tenham a oportunidade de falar e ser ouvidos de maneira equitativa. Além disso, os círculos incentivam a corresponsabilidade, o desenvolvimento de soluções consensuais e a construção de diálogos que buscam transformar os conflitos em oportunidades de crescimento. A implementação e avaliação cuidadosa dessa metodologia proporcionarão *insights* valiosos sobre suas aplicações e benefícios. É essencial que as organizações estejam comprometidas com a formação adequada dos facilitadores e com a avaliação contínua para garantir a eficácia dos círculos.

A implementação de atividades culturais e sociais é essencial para promover a sociabilidade e fortalecer as conexões comunitárias. Este plano visa criar oportunidades para a interação significativa e o enriquecimento cultural, contribuindo para o bem-estar geral dos participantes e a coesão social. A avaliação contínua e o ajuste das atividades são fundamentais para garantir que elas atendam às expectativas dos participantes e alcancem os objetivos propostos.

Com relação às atividades para a garantia de autonomia e informação, pretende-se realizar encontros com familiares e adolescentes, reforçando também orientações sobre a importância do serviço para inserção no mundo do trabalho. Atuando na escolarização, pretende-se garantir o acesso dos adolescentes aos demais serviços socioassistenciais e socioeducativos, bem como às políticas setoriais, considerando os encaminhamentos como importantes instrumentos de inclusão e desenvolvimento social, pois abrem a possibilidade de formação de uma rede de proteção social, com potencialidade de articular os diversos saberes e práticas que apresentem respostas inovadoras à complexidade das situações de vulnerabilidade social, podendo, assim, diminuir a alta reincidência no sistema socioeducativo. Por fim, acreditamos também ser possível provocar o poder público sobre a criação de um projeto de lei que trate da questão.

Os motivos da violência entre os adolescentes e o desejo pessoal de emancipação e ascensão social e profissional são bastante diversos. Os problemas constatados de falta de uma

conversa não violenta podem estar relacionados com os perfis dos jovens, caracterizados por suas especificidades, o que exige uma reconfiguração da escola para atendimento desse público. Arroyo (2007) destaca que, para configurar o socioeducativo, deve-se conhecer quem são os seus sujeitos, no sentido de adequar a escola frente às necessidades de uma educação diferenciada. Para o pesquisador, o ponto de partida é perguntar quem são esses jovens e adultos. É preciso compreender como eles vivenciam o processo educativo, buscando entender as razões e motivações que levam esses adolescentes à manutenção na criminalidade e violência, aumentando assim a reincidência no sistema

O socioeducativo tem se constituído como lugar social historicamente reservado aos setores populares. Assim, os adolescentes, na maioria das vezes pobres, periféricos, subempregados, oprimidos e excluídos, são reconhecidos como classe social dominada, cuja reprodução da hierarquia social é legitimada na hierarquia escolar. Esse fato poderia justificar a ideia de que a socioeducação está vinculada a um reducionismo no ensino-aprendizagem, a uma formação aligeirada, de baixa qualidade, que não estimula a mudança dos sujeitos.

Ao desconsiderar o perfil dos alunos, a escola pode estar inadequada para atender a esses sujeitos em suas diversidades. Compreende-se que eles possuem características e necessidades de formação diferentes dos alunos do ensino regular. A falta de atenção a tais especificidades gera fracassos que acabam por desestimulá-los, levando-os a desistirem da escola. Dessa forma, a escola, em sua variedade de aspectos, tais como o currículo, a gestão escolar, as avaliações e a organização do trabalho pedagógico, entre outros, precisa analisar com profundidade a relação de suas práticas com o fenômeno da evasão.

O problema da violência possui raízes históricas, contexto no qual o socioeducativo é marcado por diversas políticas impostas pelas elites, por meio de sucessivas intervenções do governo, mudando o sistema sem resultar, necessariamente, em qualidade de atendimento. Diversas razões de ordem social e principalmente econômica concorrem para esse cenário. Contudo, o Estado parece não estar atento a essas questões, e as medidas que adota são bastante distanciadas das reais necessidades dos adolescentes.

Compreende-se que, dentre as diversas razões consideradas como influentes no processo de violência, a escola deve estar atenta, em especial, à responsabilidade pelas questões sistêmicas, pois se configuram como fatores sobre os quais as instituições envolvidas são efetivamente capazes de agir. A escola tem expressiva influência no fenômeno, o que exige que essa instituição assuma postura mais ativa diante do desafio de reduzir o clima de um ambiente hostil.

Oliveira (2009) apresenta uma análise acerca do currículo e práticas curriculares adequadas aos perfis e necessidades dos educandos da EJA. A pesquisadora traz também o conceito de tessitura do conhecimento em redes, ressaltando que o currículo mais adequado é aquele que estabelece relações ou ligações com a vida dos educandos e critica a fragmentação e a infantilização dos currículos destinados aos jovens e adultos.

Nesse sentido, reforça-se a defesa pelo debate aprofundado sobre os alunos, buscando conhecê-los e refletindo sobre que sujeitos a escola almeja formar. Compreende-se que a reflexão e o debate são importantes elementos para que a escola possa repensar as suas práticas pedagógicas, considerando a diversidade e as demandas dos sujeitos, ofertando um ensino de qualidade e contribuindo para a permanência dos alunos na EJA.

Enfim, por todos os objetivos e pela forma como deve ser desenvolvido, com o objetivo principal de dialogar com os adolescentes e de diminuir a reincidência no sistema, o abandono da vida do crime, este plano de ação favorece a interação de todos os envolvidos e eleva o nível de conscientização em relação a importância de uma comunicação não violenta e à ocupação de espaços que nos pertencem, por meio da “Escola do Rolê. Como descreve Paulo Freire (1983, p. 86),

É a partir dessa interação entre professor e educando, desta troca de informações e do reconhecimento de aspectos relevantes à aprendizagem que ocorrerá de fato o crescimento dentro de uma postura ética e cidadã, fazendo com isso que ambos, professor e aluno, possam perceber todo o processo de ensino e aprendizagem de uma maneira abrangente e significativa.

Assim, ao integrar práticas restaurativas e ações educativas que priorizem o diálogo e a construção coletiva, o PROTEJA se posiciona como uma ferramenta essencial para a transformação social, oferecendo aos adolescentes a oportunidade de reescrever suas histórias com base em valores de respeito, empatia e cidadania.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, A. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

ARROYO, M. **Educandos e educadores: seus direitos e o currículo**. Brasília: MEC, 2007.

CRUZ, Antonio Carlos dos Santos. Avaliação e prática pedagógica EJA. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, [S.l.], v. 01, n. 3, p. 05-26, nov. 2018.

Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/pedagogia/avaliacao-e-pratica>. Acesso em: 25 mar. 2024.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

HOFFMAN, J. **Avaliação Mediadora**. Porto Alegre: Mediação, 2003.

OLIVEIRA, I. B. Organização curricular e práticas pedagógicas na EJA: algumas reflexões. *In*: PAIVA, J; OLIVRA, Inês B. (Org.). **Educação de Jovens e Adultos**. Petrópolis, RJ: DP&A, p. 97-107, 2009.

PRANIS, K. **Processos circulares de construção de paz: teoria e prática**. São Paulo: Palas Athena, 2010.